# Reconsiderando a Terceira Vaga da Democratização

Como disse Winston Churchill, a democracia é apenas o pior regime, com excepção de todos os outros.

POR
**João Carlos Espada**
Director do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa. Director de *Nova Cidadania*

Queria começar por agradecer as amáveis palavras da Senhora Reitora da nossa Universidade Católica Portuguesa e do senhor Presidente da Câmara de Cascais. A presença de ambos nesta sessão de abertura é para nós um privilégio e um prazer. Gostaria também de saudar e agradecer a presença de todos os participantes nesta 23a. Edição do Estoril Political Fórum -- que este ano conta com o Alto Patrocínio de Sua Excelência o Presidente da República. Trata-se de uma distinção muito honrosa, que queremos agradecer enfaticamente. Trata-se de uma distinção que acentua o nosso sentido de dever e de responsabilidade para com os ideais da Liberdade e da Democracia.

E este é realmente o tema central desta 23a. edição do maior Encontro Internacional de Estudos Políticos que se realiza anualmente em Portugal: a celebração da Liberdade e da Democracia, nos 40 anos da Revolução Portuguesa de 25 de Abril de 1974 e nos 25 anos da queda do Muro de Berlim.

O nosso falecido amigo Samuel P. Huntingron veio a Portugal em 1997 falar sobre a Terceira Vaga de Democratização Mundial, que Portugal terá inaugurado em 1974 e cuja segunda fase terá ocorrido com a queda do Muro de Berlim, em 1989. No nosso Estoril Political Fórum, que hoje tem início, vamos precisamente reavaliar essa Terceira Vaga.

Vamos aqui discutir muitos problemas e desafios que as nossas democracias, bem como a causa da democracia, enfrentam no mundo de hoje -- um mundo em que parece estar a ocorrer uma "recessão da democracia". Vamos ouvir vozes discordantes, do centro, da direita e da esquerda. Mas todas essas vozes variadas estarão reunidas em conversação sob uma causa comum: a causa da Liberdade e da Democracia.

Este Estoril Political Fórum é aliás o culminar de uma série de 3 eventos que o Instituto de Estudos Políticos tem promovido ao longo deste ano para assinalar o duplo aniversário da democracia portuguesa e da democracia na Europa central e de Leste:

Em Fevereiro, a nossa Palestra Anual Alexis de Tocqueville foi proferida pelo nosso amigo Marc Plattner, Presidente do International Advisory Board do nosso Instituto, co-director do distinto Journal of Democracy, vice-presidente do National Endowment for Democracy -- bem como, last but certainly not least, participante destes nossos Encontros anuais deste os tempos em que ainda se realizavam na Arrábida, há mais de 15 anos.

Em Março, tivemos connosco outro grande expoente dos Estudos sobre a Democracia, o nosso amigo Larry Diamond, professor na Universidade de Stanford e co-director com Marc Plattner do Journal of Democracy.

Em Abril, realizámos conjuntamente com o IPRI-UNL, Instituto Português de Relações Internacionais da Universidade Nova de Lisboa, presidido pelo nosso amigo Professor Nuno Severiano Teixeira, um colóquio sobre a Constituição portuguesa de 1975. Em Novembro, também com o IPRI-UNL, promoveremos outro colóquio, desta vez inteiramente dedicado à queda do Muro de Berlim.

Pode agora ser legitimamente perguntado por que razão tem o Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa dedicado tantas iniciativas num só ano à celebração da Liberdade e da Democracia. Porque é que o fazemos quando crescem à nossa volta as críticas aos nossos sistemas democráticos, tantas vezes acusados de se estarem a transformar em oligarquias com desigualdades crescentes, crescentes níveis de abstenção eleitoral, e tantos outros defeitos, reais ou imaginários? Por que

motivo celebramos a liberdade e a democracia quando tantos comentadores nos dizem que o que está em causa na Ucrânia, e na brutal anexação da Crimeia pela Rússia, não é a democracia, mas apenas a rivalidade entre a América e Rússia em torno dos interesses do petróleo e do gás natural? Por que motivo celebramos a Liberdade e a Democracia quando tantos comentadores nos dizem que o que está em causa no Médio Oriente, para citar apenas mais um exemplo, também não é a democracia, mas apenas e mais uma vez a disputa pelo petróleo e por áreas de influência?

Gostaria de dar uma resposta clara a estas perguntas inteiramente legítimas. Celebramos a Liberdade e a Democracia porque estamos do lado da Liberdade e da Democracia. Porque estamos do mesmo lado dos soldados americanos, britânicos e canadianos que desembarcaram na Normandia no dia 6 de Junho de 1944, há precisamente 70 anos, para libertar a Europa da tirania nazi. Porque estamos do mesmo lado da população portuguesa que no dia 25 de Abril de 1974, há precisamente 40 anos, celebrou nas ruas a queda da ditadura no nosso país. Porque estamos do mesmo lado das populações da Polónia, da então Checoslováquia, da Hungria e da então Alemanha de Leste que em 1989, há precisamente 25 anos, celebraram nas ruas a queda Muro de Berlim, símbolo da tirania comunista na Europa Central e de Leste. E estamos do mesmo lado da população pacífica e indefesa da Praça Tienanmen, barbaramente reprimida há precisamente 25 anos.

Significa isto que atribuímos à Liberdade e à Democracia todas as virtudes e nenhum defeito?

Não. Pelo contrário. Como disse Winston Churchill, a democracia é apenas o pior regime, com excepção de todos os outros. Como argumentou Karl Popper, a principal virtude da democracia é que precisamente não pretende ser um regime perfeito -- e por isso está sempre aberta à crítica, à variedade de opiniões, e à mudança gradual sem violência. A principal virtude da democracia, ainda segundo Karl Popper, é de certa forma bastante modesta: permite-nos mudar de Governo através de eleições livres e sem violência.

Parafraseando Isaiah Berlin, numa frase famosa sobre a liberdade, a democracia é democracia, "não é igualdade, nem equidade, nem justiça, nem felicidade humana, nem uma consciência tranquila".

Há 40 anos, logo após a revolução do 25 de Abril, nós, portugueses, aprendemos a perceber este significado modesto, mas decisivo, da democracia de que nos falaram Winston Churchill, Karl Popper e Isaiah Berlin. Foi a defesa dessa democracia, que nos salvou de uma nova ditadura, nessa altura ensaiada pelos comunistas, em nome da igualdade.

Em 1989, nas ruas de Varsóvia, Budapeste, Berlim e Praga, os povos da Polónia, Hungria, e das então Alemanha de Leste e Checoslováquia, celebraram precisamente a restauração desse conceito modesto de democracia, a democracia sem adjectivos, nem de esquerda, nem de direita, simplesmente democracia. O nosso amigo Timothy Garton Ash celebrizou essa redescoberta da democracia sem adjectivos, num livro em que relatou as revoluções pacíficas de 1989:

> *"Em política, eles estão todos a dizer: não há 'democracia socialista', há apenas democracia. E por democracia eles entendem a democracia parlamentar multipartidária tal como é praticada na contemporânea Europa do Oeste, do Norte e do Sul. Todos eles estão a dizer: não há 'legalidade socialista', há apenas legalidade. E com isso eles querem dizer o Estado de direito, garantido pela independência do judiciário, ancorada constitucionalmente. Eles estão todos a dizer: não há "economia socialista', há apenas economia. E economia quer dizer não uma economia socialista de mercado, mas uma economia social de mercado. A direcção geral é totalmente clara: uma economia cujo básico motor de crescimento é o mercado, com extensa propriedade privada dos meios de produção, distribuição e troca" (*The Magic Lantern: The Revolution of '89 Witnessed in Warsaw, Budapest, Berlin and Prague, *1990).*

É com muito gosto que nós, no IEP-UCP, nos orgulhamos de celebrar e estudar este modesto entendimento da democracia, que, em nosso entender distingue a civilização europeia e ocidental desde os seus primórdios na Grécia antiga, há 2500 anos, e à qual o Cristianismo deu, e continua a dar, um contributo decisivo.

Desde a fundação do nosso Instituto, em 1996, que nunca escondemos este nosso compromisso fundamental com a civilização ocidental da liberdade e responsabilidade pessoal. Talvez por isso mesmo, ao longo destes últimos 18 anos, inúmeros jovens talentosos têm procurado o IEP-UCP e assumido nele, gradualmente, crescentemente, posições de liderança e responsabilidade.

É por isso com muito gosto que darei agora a palavra à jovem directora deste nosso Estoril Political Forum, a Dra Rita Seabra Brito, que há vários anos, chefiando uma equipa ainda mais jovem -- se é que isso é possível -- tem tornado possível este grande evento que nos reúne anualmente no encantador Hotel Palácio do Estoril, o hotel dos Aliados anglo-americanos durante a II Guerra Mundial. ■